

IMPLANTADA HÁ 102 ANOS

Era uma vez a cidade da Beira

Dom.
20/8/89

...ou a urbe com 82 anos de idade

● Já foi a cidade melhor iluminada da África ao Sul do Equador

ERA uma vez a cidade da Beira, que assinala com grande pompa os seus 102 anos de implantação, e 82 de elevação à categoria de cidade. A sorrateira chegada das primeiras forças portuguesas de ocupação, a um local então chamado Chiveve, precisamente a 20 de Agosto de 1887 (há 102) anos), antecedida da criação da povoação da Beira em 27 de Julho do mesmo ano, a elevação à categoria de vila em 1888, e finalmente, a ascendência ao estatuto de cidade em 29 de Junho de 1907, constituem os principais factos que contribuíram para a edificação da segunda maior cidade de Moçambique em 1918, era a melhor iluminada de toda a África ao sul do Equador.

Ao mergulharmos na história cronológica dos acontecimentos, que directa ou indirectamente contribuíram para a implantação desta histórica urbe, situada na costa

oriental de África Austral, nota-se curiosamente que a região era antes habitada pelos primitivos Khoi, Khoi e os San.

Devido à fixação das primeiras

comunidades Bantu a partir do ano 200 (há 1789 anos), nas actuais províncias de Manica e Sofala (talvez onde viria a nascer a cidade), provenientes da região dos Grandes Lagos, devido ao aumento da população, fez com que os Khoi e os San passassem a viver juntos e, outros, no entanto, devido a infinitas guerras tribais e de subjugação, foram expulsos para o deserto de Calaári, onde ainda hoje vivem com a designação de homens da floresta ou «bush men».

DO COMÉRCIO A IMPLANTAÇÃO

A fundação do Entrepósito Comercial de Sofala no Século seis (VI) pela dinastia persa dos sassânidas, acompanhada de uma forte influência dos habitantes de Kilwa que até então era a cidade mais importante da Costa Oriental no controlo do comércio de ouro, ergueram-se em Sofala as primeiras residências.

Importa referir que Kilwa controlava o comércio do ouro produzido no que viria a ser o Grande Zim-

babwe e o Estado do Monomotapa e que era obtido pelos árabes através de Sofala, para depois o venderem por todo o mundo.

O desenvolvimento dos contactos marítimos ao longo do Oceano Índico a partir do século sete (VII) e o estabelecimento de relações comerciais entre os bantu e navegadores comerciantes persas, árabes, indianos, indonésios, chineses e mouros, agudizaram as guerras e as migrações, e começaram a surgir diferenciações regionais, a nível cultural, linguístico, de costumes, bem como a nível político, com o aparecimento de Estados, reinos ou chefaturas.

Prova estes factos o surgimento do clássico Estado do Zimbabwe, aproximadamente entre 1250 e 1450 e, para este caso, o Estado dos Muenemutapas, cerca de 1450 cujos domínios se estendiam até onde está hoje implantada a cidade da Beira. Lamentavelmente, cinco séculos após registaram-se contradições sociais no centro do nosso País, a ausência de paz ainda trás consigo as guerras, as migrações e os deslocados.

Entretanto, no que respeita ao

comércio que prosperava em Sofala, era objectivo dos comerciantes estrangeiros, a troca dos produtos dos seus respectivos países ou das regiões por onde passavam com produtos das terras africanas.

Eles traziam panos de algodão, missangas, porcelanas e artigos de luxo, armas, quinquilharia útil e outros produtos baratos e levavam em troca, ouro, marfim, ferro, cobre, peles de animais e por vezes,

escravos. A direcção e dinamização do processo produtivo ficavam, como sempre, a cargo das classes dominantes daquelas sociedades, com as quais os mercadores entravam em contacto.

Contudo, foi fundamentalmente o ouro que atraía os portugueses a Moçambique e não admira que a descoberta de Sofala se tenha dado em 1497, seguida da construção da primeira feitoria comercial

em 1505. A entrada no território fez-se com o consentimento do então Xequo local. Isso fez com que década após década, portugueses e árabe-swahis lutassem pela hegemonia mercantil.

Com a decadência do Grande Zimbabwe, que se registou a partir de 1450, o imperador Monomotapa, que exercia domínios sobre quase todos os reinos tradicionais, doou aos portugueses, em

1759, os reinos de Manica, Sofala e Zumbo.

Em 1885 os portugueses visitaram o rio Púnguê, numa missão que tinha como objectivos, contactar com Gungunhana, verificar o grau de exploração do estuário do actual porto da Beira, ocupação de um ponto da margem esquerda do então rio Aruangua (hoje Púnguê), bem como a instalação do que viria a ser o Posto Militar de Aruangua.

